

O existencialismo em A Hora da Estrela

Elizabeth Robin Zenkner Brose
PUCRS

EDIPUCRS

- Jane Rita Caetano da Silveira e
Heloísa Pedroso de Moraes Feltes.

Pragmática e Cognição:

A textualidade pela relevância. 1999, 2ª edição, 156 p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre – RS/BRASIL

<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>

E-mail edipucrs@pucrs.br

Fone/Fax: (51) 320.3523

Clarice Lispector, autora de *A hora da estrela*, circunscreve no cenário da literatura brasileira um espaço inusitado. Sem coincidir com o neo-regionalismo de trinta, nem com a experimentação lingüística, a escritora busca a expressão, através de uma linguagem comum, do conflito fundamental da humanidade, a essência e a existência do ser. Este ensaio, acima de tudo, pretende constatar e analisar as características existencialistas desse romance, ou seja, a expressão literária de interrogação do ser frente à existência e seu caos, a partir de *O existencialismo na ficção brasileira* de José Fernandes.

Estar no mundo, nas décadas de 60 e 70, época em que a obra em análise foi escrita, significava a procura desesperada de ser, apesar da guerra fria e dos sistemas políticos castradores e autoritários. O ser humano tinha o *status* de quase-objeto, suas potencialidades foram reprimidas. Nesse período, *o humano não existe; existem seres que esmagam individualidades, seres que querem encontrar o significado da existência na multidão.* (FERNANDES, 1986:123) O romance de Clarice Lispector, findo meses antes de sua morte em 1977, apresenta a seguinte situação: a consciência do ser humano de ser nada e a morte como o estado de igualdade entre as pessoas.

A questão existencial é evidente em trechos como

(...) Não fazia perguntas. Adivinhava que não há respostas. Era lá tola de perguntar? (...)Por falta de quem lhe respondesse ela mesma parecia se ter respondido: é assim porque é assim. Existe no mundo outra resposta? Se alguém sabe de uma melhor, que se apresente e diga, estou há anos esperando. (HE:33)¹

A estrutura da obra em estudo, fundamentalmente atento às questões do ser, constrói-se de personagens, tempo, espaço e visão do narrador. Só que tais elementos, no romance existencial, refletem uma realidade fragmentada e um ser humano desconsiderado por seu universo circundante. É nesse panorama que a escritora reinventa um mundo, reconstrói a realidade mutilada e fornece ao leitor material de reflexão.

Dependendo da visão existencial do autor, o personagem é desenvolvido superficial ou profundamente. O último significa que o personagem apresentará características de um ser degradado, alienado e aniquilado de tal modo, que os aspectos sociológicos, psicológicos, culturais e filosóficos estarão simultaneamente presentes no ser construído ou destruído pela narrativa.

No Romantismo, marcado pelo apogeu do indivíduo, a personagem é identificada por nome e sobrenome. Sua interioridade é vagamente delineada e sua linha comportamental é descrita desde o começo da obra. Isto ocorre, porque o ideal seguido é inflexível. Desde o Modernismo, a personagem espelha a desordem e a desarticulação do mundo, tentando desesperadamente organizar o caos. A personagem é imperfeita, deformada e, muitas vezes, decompõe-se no início da narrativa. A sua incompletude oferece condições de compor-se e decompor-se no decorrer de toda a obra.

No Romantismo as ações são lineares, já no Modernismo e na literatura contemporânea a visão de mundo e as ações são encaminhadas em vários sentidos, provocando desequilíbrios por sua simultaneidade. A falta de harmonia é o reflexo da instabilidade social. Assim, a morte de Macabéa e a irrealização de seus sonhos não são produto de um único motivo, várias são as justificativas para sua castração e morte. A incomunicabilidade,

a dificuldade de entrar em contato com sua essência, a solidão gerada e denunciada na presença de Olímpico, os aspectos social e econômico, assim como estar errante e apátrida, são razões múltiplas para os limites de Macabéa.

Assim como Macabéa, as outras personagens na obra são multidirecionais, que não se atêm a uma idéia fixa, tão apreciada pelos românticos. Elas são dinâmicas e têm consciência de si mesmas, dos seus antagonismos e incoerências. O narrador, por exemplo, inicia o texto com seus problemas, construindo e refletindo sobre a narrativa e, assim, as personagens por ele apresentadas vão se fazendo frente ao leitor. Este é a todo instante confrontado com as digressões e esclarecimentos sobre si próprio por parte de Rodrigo S. M.

Se existir, é encontrar-se incerto entre as possibilidades de enfrentar ou de desistir, Clarice coloca seus personagens e narradores exatamente nessa situação. Em *A hora da estrela*, há três tramas imbricadas e imersas no tema central: a metanarrativa, a identificação da história do narrador e da personagem, e, por último, a vida da personagem Macabéa. *Essa é a dor, que atravessa a narrativa, já indicada pela dor de dentes que perpassa a história. (...) a dor da condição de existir (...)* (SÁ, 1993 : 213).

O narrador revela ao leitor algumas idéias, marcas de uma época de transição, de incoerência e interrogações, como um movimento em busca de uma nova estruturação da obra literária consoante à insegurança, à ansiedade e à angústia do ser humano frente a um sistema automatizador. A obra não tematiza, mas oferece o próprio assunto como se este não fosse ficção e é assim que, por exemplo, o narrador apresenta a dificuldade de escrever.

O narrador, masculino, está em primeira pessoa, explicitando o olhar surpreso às evidências de um personagem patético e sua resistência em escrever sobre ele, paralelamente, é o demiurgo, consciência geral da história. O papel do narrador permanece conflitante entre os dois pólos, ora atinge a metanarrativa, ora sofre na terceira pessoa. No último caso, ele está pouco à vontade e confia ao leitor seu desconforto.

A filosofia existencialista procura a essência do ser na prática da vida, que é o período entre o nascimento, sua criação, e a morte, sua destruição. A duração da existência acontece depois e antes do nada e é essa consciência a geradora de toda a angústia, um sentimento provocado pelo vazio. O romance de Clarice busca a essência perdida no nada da existência. Em HE, nas páginas 33 e 42, aparece o símbolo do nada: *Deus é de quem conseguir pegá-lo. Na distração aparece Deus.(...) Rezava mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e portanto Ele não existia.*

Já que, como foi dito no parágrafo anterior, o existencialismo perscruta a essência em conceitos empíricos da existência, o romance existencial é a construção e a desconstrução da narrativa, homóloga ao fazer e ao desfazer dos seres humanos no mundo. O narrador explicita essa relação contraditória com a escritura, quando diz que só não inicia o texto com o fim, *porque preciso registrar os fatos antecedentes.*(HE:16) Mais adiante, ele avisa que começará do meio, e, daí por diante, mesclará a história de Macabéa com o seu discurso, num ir e vir de idéias.

O narrador Rodrigo S. M. está só. A sua solidão e espanto diante do vazio o impelem a escrever sobre o outro, a nordestina pálida. Ele relata os momentos em que a experiência de escrever acontece, criando a ilusão de acontecer no mesmo momento em que é lida. *Como que estou escrevendo na hora mesma em que é lido* (HE:2). Ele desconstrói o acontecimento da escritura e detalha-o minuciosamente. Nesse processo, porém, ele se identifica com Macabéa e preenche a sua vida com a personagem. A presença do outro permite o crescimento. Macabéa instaura a possibilidade de autenticidade ao narrador.

O narrador-personagem faz uma série de considerações a respeito de sua instabilidade, refugiando-se na personagem para tentar encontrar sua identidade perdida. Ele se desconhece e precisa do outro para entrar em contato com a sua essência. Essa relação atinge a estrutura da obra, razão pela qual, ela mostra sua hesitação entre história e discurso em plena tectura diante do leitor.

O caminho corajoso para que o ser do ser humano não caia no conformismo, ou seja, voltado para o passado, é o da

autenticidade. Ela se opõe à insegurança e ao receio, construídos por culpas alimentadas desde a infância. Os padrões de comportamento já conhecidos estão no âmbito do passado, já o comportamento não covarde, provoca medo do desconhecido. Ele é a pausa entre o estímulo e a resposta, a reflexão nas escolhas. Assim atua o narrador, recorrendo ao estímulo da personagem e ao espelhar-se nela, recupera a conexão consigo mesmo e desse momento em diante, percorre um novo caminho.

A identidade só é conquistada, para os existencialistas, mediante angústia e sofrimento. Não a angústia sonhada pelos românticos, imaginária e por isso mesmo não-autêntica, mas aquela metafísica, que conscientiza o ser humano de sua situação insolúvel: ser no vazio, no nada, no absurdo da existência. O sofrimento e o tédio revelam a essência do ser. Primeiro, o tédio, depois, a angústia, advinda das sérias ameaças de sobrevivência. Clarice Lispector capta esse universo e forma a identidade dos seres da ficção a partir de relações simbióticas entre eles e da consciência de estarem sós na dor. *Estou absolutamente cansado de literatura; só a mudez me faz companhia.* (HE:84)

O narrador persegue em Macabéa a causa de seu sofrimento, mas a personagem apenas reflete a sua angústia por estar no mundo. Ela é seu tormento e sua razão de existir, afinal a eudade é o espelho da outridade e necessita dela. Do mesmo modo, quando Macabéa morre, ele se entrega, pois esse era o momento do ser revelar-se a si mesmo, na descoberta dos mistérios: a vida e a morte. *Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre. Mas - eu também?! (...) Sim.*(HE:104)

A linguagem é dominada pelo narrador, mas a personagem tem dificuldades de expressão. *Ela: Ah, não sei explicar.*(HE:59) E o narrador justifica: *Maca, em primeiro lugar jamais disse frases, em primeiro lugar por ser de parca palavra.*(HE:83) A protagonista não consegue expressar um pensamento mais elaborado, ela está completamente submetida à verbalização do narrador. A presença de Olímpico não ameniza a solidão de Macabéa, a sua falta de diálogo, de palavras. A comunicação entre ambos é precária e só instaura sofrimento. Falam e não se entendem, quase não têm o que dizer. Essa situação de isola-

mento do ser evidencia a pobreza e o absurdo da desumanização.

O narrador reflete o que é dado, a faticidade, e o que é possível, quando ele diz: *Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi? (...) Quem vive sabe, mesmo sem saber(...)* (HE:16) Ele faz uma pausa antes de tomar uma atitude mecânica e opta pelo novo.

O narrador não é um ser alienado, no sentido existencialista de ser para o passado, repetindo modelos aprendidos na infância, por isso ele sofre com a desumanização de Macabéa e sua própria tendência em perder as qualidades humanas. *Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte.*(HE:34)

Os românticos crêem em sua liberdade, que os impulsiona para a morte irracional e inconseqüente, pois encontrariam a paz junto a pessoa amada. O livre arbítrio para os modernos não está na paixão, mas na razão, porque têm consciência da obrigação de optar e, portanto, precisam assumir responsabilidades por suas escolhas. Nesse aspecto, Clarice Lispector é uma representante do ideário moderno. Em *A hora da estrela*, o narrador explana sentimentos e pensamentos elaborados detalhada e racionalmente.

O romance mostra personagens voltados, conscientes ou não, para os seus limites e para o fim de sua existência. Segundo Leyla Perrone-Moisés *as personagens de Clarice vêem um bom bocado de verdade. O que elas encaram (o que as encara) é a castração e a morte.*(PERRONE-MOISÉS,1990 :75)

A castração na existência do narrador pressupõe que ele não concretize seu projeto vital e, conseqüentemente, não manifeste sua essência. Ele está a todo instante no romance sendo ameaçado a não realizá-lo. Os obstáculos são muitos, desde a dificuldade em escrever uma trama novelesca até o amor que sente pela personagem. *Sei muita coisa que não posso dizer.*(HE:94) *Eu poderia deixá-la na rua e simplesmente não acabar a história.* (HE:100)

A personagem contemporânea divide-se entre o passado e o presente e entre culturas diferentes. É a tendência para o fragmento. A sua busca não se encerra no indivíduo, mas

abrange a solidariedade e a consciência da sua impotência em relação ao próximo. Macabéa está perdida, parte de sua vida no nordeste familiar e outra, no Rio de Janeiro urbano. A propósito deste esfacelamento e identificação dividida, Nádia B. Gotlib aponta para a relação de Macabéa com sua criadora:

Mas a cultura hebraica, transfigurada metaforicamente, há de se manifestar na sua obra futura. Entre outras transfigurações, sob forma de grito de rebeldia, denunciando a fome e a impotência da personagem, ela também prisioneira, como os macabeus, mas que, como eles, resiste, nordestina na cidade grande, massacrada por um sistema social desumano: Macabéa. (GOTLIB,1995:66)

As personagens de Clarice Lispector não se subordinam à ação, mas são retratadas como se fossem pessoas, seres. São caracterizadas de tal forma que ganham, na esfera da ilusão, a dimensão de essência verdadeira do ser humano, inseridas no nada, representando pessoas esquecidas na existência a caminhar para a objetividade. No caso de Macabéa, errante e apátrida, aniquilada pelo sistema tem, no romance, tem a função de apontar a possibilidade de conquista de sua essência, ou seja, apesar das circunstâncias históricas, ela poderia provocar uma ruptura e optar pelo caminho do enfrentamento. Essa dimensão de verdade, de procura de si mesma, é evidente na seguinte fala: *A verdade é sempre um contato interior e inexplicável. A minha vida a mais verdadeira (...)* (HE:15)

A personagem, nesse caso, representa um simulacro de essência de ser, pois o humano lhe teria sido subtraído. Macabéa é o ser desarticulado, está entre o sujeito e o objeto. Ela revela a vontade de religação e, por esse motivo, persegue o mito do casamento com o príncipe rico e encantado no mundo mágico, onde terá mais cabelos e felicidade.

A relação com o trabalho, que Macabéa tem, é, antes, um amor por sua produção, do que o ato automatizado, exigido pelo sistema de exploração. Ela apropria-se do papel datilografado às duras penas carinhosamente, por isso Silviano Santiago diz (o labor) *é a manifestação de proximidade e distância do objeto de cuidado, de um misto de vigilância e afeto.*(1997:8) Esse modo de

trabalho de Macabéa, religa o ser humano com sua humanidade e o completa, dignifica e qualifica. Ela sai do âmbito da explorada quantitativamente, para surpreender o patrão com um texto mal datilografado, manchado com manteiga, mas querido. Macabéa é gentil e afetuosa com o que produz e também com o seu ríspido patrão, representante da opressão da humanidade do ser.

O egoísmo é o obstáculo que impede o homem de reatar a fenda, a doença. A cura para a humanidade está em olhar, entregar-se ao relacionamento com o outro. A interação tornará o ser humano apto ao amor, ao abraço. Glória, a amiga de Macabéa, e Olímpico não se relacionam com a personagem principal, no sentido de ajudá-la, mas, pelo contrário, permitem que obstáculos multipliquem-se na vida da protagonista. Eles se encontram e a excluem. *Macabéa bem viu o que aconteceu com Olímpico e Glória: os olhos de ambos se haviam beijado.* (HE:73)

Só se é livre, quando há escolha: enfrentar, voltar, seguir, morrer, etc. O narrador escolheu narrar, mas Macabéa, criação do narrador, usufrui da mesma liberdade de escolha? Ela segue o destino predito pela cartomante, viveu as linhas dominadas pelo narrador e parece ser apenas fruto da educação dada pela tia, da pobreza, do nordeste e do Rio de Janeiro. Essa personagem não quis escolher e encontrou a morte sem ter vivido plenamente e atuado conscientemente sobre os rumos de sua vida.

O egotismo ilimitado e asfixiante na voz do narrador aponta para o homem voltado unicamente para si próprio, o qual analisa o mundo de uma perspectiva limitada e está perdido em seu próprio ser. É assim que ele relata fragmentos da vida de Macabéa, contempla a sua existência, percebendo que viver é sofrer por estar-no-mundo. A diferença entre o narrador e o personagem é a capacidade, que o último tem, de reconhecer sua existência e tentar explicá-la, preenchê-la e reconstituí-la.

Todos os esforços do narrador e da personagem são inúteis, no que diz respeito à completude de cada um. Ambos são incompletos e impotentes. O vazio na vida dos dois, por

mais explicada e justificada que seja, existe e é inexorável. Um é necessário ao outro, um só existe em função do outro, mas juntos, não se completam totalmente. O narrador vela-se à personagem, mas esta, apesar de ser sua criação, ainda tem espaços misteriosos em sua trajetória. *E depois- ignora-se por que- tinham vindo para o Rio(...)* (HE:37) *Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim,(...) mas eu tenho plena consciência dela.* (HE:41)

A situação de Macabéa é estar imersa no absurdo da vida e ser inútil lutar contra isso. Para continuar, ela se entrega às informações da Rádio Relógio e se emociona com a música cantada por Caruso. Olímpico pergunta se era samba e ela diz, que achava que era. A protagonista aceita e vive de repetir o que ouviu, mas, apesar da ausência de reflexão, há sentimentos e são eles os resgatadores da humanidade.

O paradoxo primeiro é ser-para-a-morte e ter consciência disso, entretanto, Macabéa não conhece esse mistério. Ela (...) *tinha certeza de que com ela ia ser diferente, pois nunca ia morrer.* (HE: 37) O narrador, não, por um instante, ele lembra que também morre e é ali que se explicita sua consciência de ser-para-a-morte.

A opção pela vida também tem sua opositora, a opção pela morte. Ela pode significar a vingança do ser pelo sistema. Ele afronta o opressor e a humanidade, quando demonstra ser uma possessão e uma potência. À medida em que o ser não quer participar, ele se anula. Também no caso da morte natural, não representa a conclusão da vida, porque escapa ao homem. A morte é um ser, o nada que vem após a vida, segundo o existencialismo. Macabéa morre, libertando-se do absurdo. Foi a solução para a miséria indicada pela falta de cabelos, pela possível demissão, pela rejeição de namorado e ausência de futuro.

Para o romântico, o êxito na vida está intimamente ligado ao sucesso no amor. Quando há malogro de seus intentos, aparece o sofrimento, angústia e solidão. O discurso amoroso dos românticos é o do desespero e dele surgem as idéias suicidas. Para o amor impossível a solução é a morte. Para Macabéa, apesar de não pertencer ao romance romântico, há uma série de

obstáculos entre o seu sonho de relacionamento e a realidade social em que vive. À medida em que a protagonista sofre de todo o tipo de ausência e exclusão, seu ideal é inacessível e a solução, como já visto, é o fim da vida. Apesar de tudo, esse mito, esse sonho perseguido, é o elo de ligação entre o eu-biológico e o eu-pessoal, se Macabéa for considerada a representação de uma essência de ser humano. O imaginário dela constrói uma ficção orientadora, através da qual ela se reconhece e afirma suas bases morais.

A niilização do ser humano o precipita para uma vida sem projetos, seus ideais dissolvem-se pelas contingências. Macabéa imita esse ser real massacrado e sem propósito. Ela repete o que aprendeu com a tia: *a menina não perguntava por que era sempre castigada mas nem tudo se precisa saber (...)*(HE:36) Se a tia a machucava, quando pequena, e não expunha os motivos, Macabéa assim o fez durante sua existência, não perguntava a razão do desgosto do patrão, nem do desconforto do namorado, nem da traição da Glória. Ela teria dignidade suficiente para receber explicações.

O humor é usado para mascarar a impossibilidade de desenvolvimento do ser humano. Ele é a marca de negatividade, é o registro dos planos abortados do ser. O teatro do absurdo evidencia esse pressuposto existencial. A ironia é o caminho para que o ser degradado ria de sua própria situação e se libertasse dela, mesmo que por breves instantes. O homem cria o seu positivo, para negar o que realmente vive, mesmo não tendo outra existência a não ser o seu vazio. Macabéa e Olímpico são a negação que o sistema niilizou, mas despertam o seu positivo em trechos irônicos, absurdos, e, por isso mesmo, bem humorados. Olímpico tenta ser gentil *na hora do adeus para sempre. (...) - Você, Macabéa, é um cabelo na sopa.* (HE:73) Em outro momento Macabéa diz: *- Na Rádio Relógio disseram uma palavra que achei meio esquisita: mimetismo.* O namorado responde: *Isso lá é coisa para moça virgem falar?*(HE:67)

A ironia é o modo como o a situação dos personagens pode transcender-se. Esse recurso relativiza a seriedade dominante no texto e apresenta o absurdo de modo duplo, o narra-

do mostra o conjunto do diálogo de desencontros, ao mesmo tempo, em que oferece ao leitor a possibilidade de distanciar-se do texto.

A identificação de Macabéa com a tia nordestina confunde-se com a identificação entre personagem e autora, narrador e autora e narrador e personagem, sendo que a última é mais explícita. Observa-se que o personagem unidirecional romântico não está presente nesse romance. O que há, ao contrário, é a diluição dos limites entre os seres ficcionais e a ilusão de que o sujeito histórico Clarice Lispector é a narradora e em alguns momentos a personagem.

O amor, enquanto tema moderno, diferencia-se do Romantismo, quando se desprende da pureza de intenção e introduz a admiração por mulheres adúlteras ou vítimas de desigualdades sociais. Em *A hora da estrela* a mulher amada pelo narrador e por mais ninguém, segundo Rodrigo S.M., é assexuada e não desperta interesse em ninguém. Ela é também produto de uma diferença social e não é carne de primeira como sua amiga Glória é descrita por Olímpico. Além de tudo, a protagonista moderna é nordestina e sofre preconceitos. Macabéa é evidentemente uma heroína contemporânea.

A descontinuidade narrativa é o reflexo da descontinuidade do mundo moderno, por isso a obra literária tornou-se ilógica e imprevisível. A idéia de descontinuidade temporal, oposta às idéias positivistas de linearidade entre passado, presente e futuro, influenciam essa obra. A própria idéia de tempo declarada pelo narrador, não é linear. O tempo da escrita, como se fosse o tempo da leitura é, na verdade, a noção fenomenológica de tempo, cujo ideário influenciou o existencialismo. O tempo enquanto estado é o pensamento que subjaz à fala do narrador, presença dos diferentes agoras no agora da leitura.

A história da protagonista, Macabéa, é contada numa sucessão de instantes. Ela não é uma narrativa linear, que estabeleça um princípio cronológico, os fragmentos da vida da heroína são desvinculados de uma ordem romântica. Ao leitor não é dado conhecer mais do que algumas partes da história.

O amor é duração, continuidade e não fragmentos. Macabéa não tem tempo suficiente para desenvolver esse sentimento, porque seu convívio com os pais é ínfimo em sua história e a tia não lhe ofereceu estímulos para reforçar a autoconfiança. Quando surge a figura de Olímpico, ela não está preparada para um relacionamento, pois ainda é uma estranha a si mesma. Sua incapacidade para a entrega registra o olhar desumano que lança sobre si e a desorienta na amizade e no amor.

Macabéa, confia em instituições como a do casamento e consome uma produção cultural popular. Ela crê na produção de um sistema, que a aniquila. Deste conflito, surge a náusea. Além de não digerir o problema, está impossibilitada de tirá-lo de suas entranhas, pois esse nó é tudo o que ela tem, é a sua companhia, se rejeitá-lo, ficará só. *Vomitou ou chorou? - Até hoje, com a graça de Deus, nunca vomitei.* (HE:65) (...) *ela encheu de açúcar quase a ponto de vomitar mas controlou-se...* (HE:66)

Para as personagens humanas, desumanizar-se é niilizar-se, já, para os animais, ao contrário, niilizar-se é personificar-se. O narrador nesse romance inferioriza-se, quando cita sua preferência por animais no lugar de seres humanos. A comparação entre ambos mostra que ele empresta aos cavalos qualidades, que já não reconhece em si, ou seja, os valores, dos quais se destituiu.

A desorientação metafísica do narrador transfere sua desarticulação na estrutura da obra. Palavras, lado a lado, geradoras de uma polifonia semântica: de um lado, seu acúmulo extravasa em significação, aumentando o horizonte do campo lingüístico, de outro, toca o nada, o sem-sentido da vida. Esse recurso denota a procura de novos significados para preencher o vazio, como esta passagem: *Se antes da pré-pré-história já havia monstros apocalípticos? Se esta história não existe passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. (...) Deus é o mundo.* (HE:15)

Concluindo, o fundamento da existência é a temporalidade, o qual, como já foi dito, qualifica o crescimento ou a degradação do ser. Quando o tempo está desestruturado na obra de ficção literária, a personagem se desarticula. O esfacelamento torna-se visível em ambos. Esse romance é marcado pela

memória do narrador, o qual abre espaços no agora da obra para inserir a história. Esta, começando pela metade, avança, construindo e reconstruindo fases não lineares da existência da personagem principal. A infância, por exemplo, é inserida, quando Macabéa é adulta, superpondo fatos no tempo ficcional.

Ao mesmo tempo a preocupação com o tempo do homem moderno, reflete-se na ansiedade do narrador. (...) *deveria caminhar antes do tempo e esboçar logo o final?(...) devo caminhar passo a passo de acordo com um prazo determinado por horas...* apesar da impaciência que tenho em relação a esta moça. (HE:21) Essa preocupação remete à imitação do tempo do relógio e é responsável pela ilusão de linearidade no romance, na busca da cronologia para manifestar uma naturalidade atual no decorrer dos acontecimentos.

O ser e o tempo em *A hora da estrela* estão em sintonia. Os dois têm em sua essência a descontinuidade, o movimento. Dinamismo impresso na abundância de significados, nos cortes temporais e na pluridimensionalidade das personagens. O espaço da obra existencial é onde o tempo se perde. São duas coordenadas, tempo e espaço, a provocar rupturas à linearidade. O espaço de Rodrigo S. M. justapõe-se ao porto do presente da protagonista e a memória no espaço alagoano, entre inúmeros espaços a revelarem-se e desaparecerem.

O final da narrativa aponta para o presente, o vazio inexorável, imbuído do passado e do futuro. *Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos.* (HE:104) Nesse ponto, o narrador desvincula-se da memória, que chegou ao nada com a morte de Macabéa, e retorna ao seu tempo e ao seu ser, que pretende ser o mesmo da existência do leitor, tempo dos morangos.

O narrador emerge no início da narrativa e sucumbe com a morte da personagem. Ele sempre esteve para-a-morte, assim como todo o universo do romance. Antes, porém de desaparecer, ele acena para a existência além da ficção. É por este motivo que ele marca o texto com a imagem avermelhada da fruta, impregnando a obra com um tempo ontológico, ou seja, um presente existencial preenchido pela escrita a indicar o futuro: a vida transcende o romance.